



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITARIO DE MARABÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
COLEGIADO DE PEDAGOGIA
FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA (FETAGRI)
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO EM LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
TURMA: PEDAGOGIA DO CAMPO

NEUTON DA SILVA COSTA

AVALIAÇÃO ESCOLAR: UM PROCESSO CONTÍNUO E SIGNIFICATIVO OU
UMA PRÁTICA DOS PAS. TARUMÃ, BERRANTE DE OURO E LASTÂNCIA DE
RESULTADOS IMEDIATOS PARA DADOS ESTATÍSTICOS?

MARABÁ-PA
2013

NEUTON DA SILVA COSTA

AVALIAÇÃO ESCOLAR: UM PROCESSO CONTÍNUO E SIGNIFICATIVO OU
UMA PRÁTICA DOS P. As. TARUMÃ, BERRANTE DE OURO E LASTÂNCIA DE
RESULTADOS IMEDIATOS PARA DADOS ESTATÍSTICOS?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Colegiado de Pedagogia, Campus Universitário de
Marabá, Universidade Federal do Pará, orientado
pela professora Msc Cleide Pereira dos Anjos em
cumprimento às exigências para a obtenção do título
de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campo.

MARABÁ-PARÁ
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
COLEGIADO DE PEDAGOGIA
FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA (FETAGRI)
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO EM LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
TURMA: PEDAGOGIA DO CAMPO

NEUTON DA SILVA COSTA

AVALIAÇÃO ESCOLAR: UM PROCESSO CONTÍNUO E SIGNIFICATIVO OU
UMA PRÁTICA DOS P. As. TARUMÃ, BERRANTE DE OURO E LASTÂNCIA DE
RESULTADOS IMEDIATOS PARA DADOS ESTATÍSTICOS?

Aprovado em: _____ Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Profª Msc Cleide Pereira dos Anjos - Orientadora
FACED - Universidade Federal do Pará

Profª Msc. Letícia Souto Pantoja (membro)
FACED - Universidade Federal do Pará

Profº Esp. Marcelo Almeida (membro)
FACED - Universidade Federal do Pará

MARABÁ-PARÁ
2013

Avaliar, antes de tudo,
é diagnosticar e solucionar impasses.
(Luckesi)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, por ter me dado saúde, garra, coragem, persistência, força e determinação para ter vencido todos os obstáculos que apareceram durante o meu percurso escolar/universitário.

Aos meus pais Ana da Silva Costa e Vicente Pereira da Costa, porque diante das dificuldades existentes em uma família pobre com seis filhos pra criar, jamais mediram esforços, incentivos e muita dedicação para que pudéssemos estudar e desta forma poder contribuir para uma educação diferenciada.

Aos meus professores porque tiveram muita paciência e dedicação, tendo que muitas vezes me chamar atenção para o meu próprio bem, e desta forma construíram coletivamente um universo repleto de muitas descobertas, questionamentos, conquistas e curiosidade.

Aos meus tios Luis Santos Silva e Maria Oliveira da Cruz, por terem contribuído bastante em minha formação tanto pessoal quanto profissional.

Aos meus cinco irmãos pelas palavras amigas de conforto e o apoio em todos os momentos difíceis da vida.

Aos meus amigos que direto ou indiretamente torceram e torcem por cada conquista em minha vida familiar ou profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde, garra, coragem, força, persistência, determinação, uma família, amigos e professores que sempre souberam criticar e elogiar na hora e de forma certa, fazendo com que eu soubesse reagir aos momentos difíceis da minha vida estudantil.

Aos meus pais Ana da Silva Costa e Vicente Pereira da Costa por terem me educado sempre no caminho da verdade, respeito, companheirismo e do amor ao próximo, pois com essas virtudes acreditavam que o homem torna-se um ser digno de caráter, confiança, seriedade e que é capaz de chegar a alcançar todos os seus objetivos usando métodos próprios de um homem de bem.

Aos meus professores, em particular, Maura Pereira dos Anjos por sua preocupação e por terem através dos textos trabalhados me possibilitado a repensar as atitudes referentes às minhas práticas pedagógicas e pessoais.

Aos educadores, educandos e toda equipe das escolas as quais realizei a pesquisa pelo fato de cada um ser diferente e com essa diferença nos proporcionar grandes e inesquecíveis momentos.

Aos meus amigos por estarem sempre me apoiando seja nos momentos bons ou difíceis da minha vida.

Aos meus colegas de turma em particular Agda Campos, André Luis Miranda, Claudenir Ribeiro, Dejaime Martins, Deusilene Santos, Deusivânia Laurindo, Maria Mírian, Ronilde Lima, Taináh Sôffa e Terisvânia Pereira pelos cinco anos de convivência, onde tive a oportunidade de aprender com os quarenta e seis educandos da turma de “Pedagogia do Campo” por ser de diferentes municípios e as mais variadas situações de difícil acesso a escola na idade certa e o histórico de sindicância vivida por cada agricultor universitário.

A minha orientadora Cleide Pereira dos Anjos por não medir esforços, pela preocupação e dedicação em acompanhar meu Trabalho de Conclusão de Curso.

RESUMO

O presente trabalho tem como título: Avaliação Escolar: Um Processo Contínuo e Significativo ou Uma Prática de Resultados Imediatos Para Dados Estatísticos? Trata-se de uma pesquisa-ação, que tem como objetivo investigar as metodologias utilizadas na prática pelos educadores que atuam nas escolas do campo dos Projetos de Assentamentos Tarumã, Berrante de Ouro e Lastância em turmas multisseriadas. Buscando compreender o processo educativo pedagógico de avaliação escolar utilizada por três educadores, trazendo como respaldo a formação acadêmica dos docentes ligada a suas práticas na sala de aula. Tendo como objetivos específicos: I) Identificar a concepção de avaliação das formas avaliativas utilizados pelos educadores como diagnóstico, II)Selecionar os principais tipos de atividades utilizadas como avaliação na escola pelos educadores, III) Analisar as propostas/práticas de avaliação que apontam uma perspectiva emancipatória para os sujeitos envolvidos no processo de formação educacional, IV) Propor instrumentos metodológicos que mostrem a presença da avaliação como mediadora na aprendizagem e V) Fazer uso da experiência dos educadores para refletir e discutir as propostas de avaliação da escola num projeto construído coletivamente considerando o contexto escolar. Com a realização desta pesquisa procuramos apresentar teorias e práticas adotadas dentro do processo de ensino e aprendizagem de educandos de três Escolas do município de Itupiranga; i) E.M.E.F. Afonso Pena, E.M.E.F. Antônio Francisco Braga II (sendo essas escolas anexas) e E.M.E.F. Carlos Gomes (escola pólo - responsável às anexas).

Palavras - Chave: Avaliação escolar, Método e Educação do Campo.

LISTA DE SIGLAS

PA – Pará

P.A. – Projeto de Assentamento

FETAGRI – Federação dos Trabalhadores(a) Rurais na Agricultura

PRONERA – Programa Nacional de Educação Na Reforma Agrária

PROFA _ (Professores Alfabetizadores)

PACTO _ (Programa Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa)

MST _ (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)

CNBB _ (Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil)

UNB _ (Universidade de Brasília)

UNICEF _ (Fundo das Nações Unidas para a Infância)

UNESCO _ (Organizações das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura)

LDB _ (Leis de Diretrizes e Base)

SOME - (Sistema Modular de Ensino)

MA – (Maranhão)

UFPA – (Universidade Federal do Pará)

STTR's – (Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais)

PJ – (Pastoral da Juventude)

APEA – (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais)

TCC – (Trabalho de Conclusão de Curso)

A – (Alcançou os Objetivos)

AP – (Alcançou Parcialmente os Objetivos)

NA – (Não Alcançou os Objetivos)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO 1 : DIALOGANDO A HISTÓRIA DE VIDA COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO.....	13
CAPITULO 2: AVALIAÇÃO ESCOLAR, SOBRE A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO E TURMAS MULTISSERIADAS.....	23
CAPITULO 3: AVALIAÇÃO: UM PROCESSO CONTÍNUO SIGNIFICATIVO OU UMA PRÁTICA DE RESULTADOS IMEDIATOS?.....	32
3.1 - Metodologia de Avaliação Escolar: pesquisa e intervenção.....	40
3.2 - Elementos de avaliação utilizados.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIA.....	46

INTRODUÇÃO

A avaliação escolar ao longo dos anos vem se pautando em pesquisas que ora outra muda de modelos diversos de testar os conhecimentos dos educandos nas escolas sejam elas públicas ou privadas, promovendo planejamentos e regras de avaliação escolar num contexto geral em todo país. E mesmo tendo a garantia da lei de como podemos proporcionar uma avaliação escolar merecedora, significativamente comprometida com as necessidades dos educandos.

Pois pensar-se em Educação do Campo é valorizar a identidade dos sujeitos envolvidos no processo de formação educacional é preciso acima de tudo pensar no meio que estão inseridos. Tendo como princípios metodológicos de ensino e aprendizagem dos educandos a valorização dos conhecimentos prévios que trazem consigo do convívio familiar, fazendo uma inter-relação entre o livro didático com as vivências dos educandos.

Muitos de nós educadores, às vezes por não termos um conhecimento lógico do significado do termo “avaliar” ou por não querer nos desprender dessa ferramenta de “poder” sobre a ação avaliativa, cometemos erros gravíssimos em dizer que estamos avaliando nossos educandos (as) por meios de provas secas, exigindo respostas objetivas as quais não possibilita os sujeitos a se integrarem dentro do processo formativo sentindo se parte das discussões realizadas em sala de aula.

Lembrar-se de minhas primeiras experiências referentes aos atos de leitura e escrita é um pouco confuso, porque iniciei lendo o ABC, não precisamente lendo e sim decorando, pelo simples fato de cumprir tabela e regras solicitadas pela escola e a educadora.

Quando me refiro ao “confuso” é pelo fato de não lembrar quando e em qual série passei a dominar a leitura e a escrita, mas lembro bem da minha primeira professora. Ao chegar a 3ª série do ensino fundamental, lembro que o educador era um profissional muito carrasco, porque com ele o educando aprendia ou decorava de um jeito ou de outro devido o uso de castigos constantes como: bolo (uso da palmatória), castigos no fundo da sala pra todos os outros colegas verem e sorrirem, ficar de joelhos no milho, no sal ou às vezes fora da sala no sol quente pra todos que faziam parte da escola ver, puxões de orelhas dentre outros. Assim essas atividades possibilitavam conhecer, vivenciar, problematizar e propor elementos para discutir questões que coletivamente poderiam ser instrumentos de luta para a transformação da educação no contexto desses sujeitos.

Bem, sabemos que bons textos e ambientes de leitura agradáveis possibilitam aos educandos descobertas interessantes, ler somente pra cumprir tarefas não te dá prazer nem te impulsiona querer buscar algo além, devido à ausência de bons livros em determinadas localidades e também pelas vezes não sabermos cativar nossos educandos deixamos de realizar trabalhos bem satisfatórios e prazerosos. Tendo como base a escola, uma instituição social determinante aos comportamentos de educadores, por outro lado, como instituição social, a escola é determinada pelo conjunto de experiências que a sociedade faz sobre a mesma.

Entretanto dentro desta busca esperamos que trabalhar com a avaliação em nossas escolas em particular nas já mencionadas, nos deixam com resultados favoráveis para que haja dentro desse processo um grande despertar em nossos educadores, onde a escola seja um campo de aprendizagem ampla e que todas as maneiras que avaliamos nossos educandos nos deem suportes para alavancarmos uma educação transformadora.

Nos estágios pelos quais participamos podemos verificar que o ato de avaliar retrata concepções contrárias em nossos educadores, isso foi possível perceber durante os estágios de Fundamentos Teóricos Metodológicos de Português (Cultivando a Leitura) e Formação Docente, onde podemos ouvir dos educadores que a avaliação serve para medir a capacidade de aprendizagem dos educandos sendo que, aqueles que não conseguiram tirar boas notas foram problema de falta de atenção exclusiva deles e, que o educador não tem nada a ver com o fracasso escolar do educando porque a parte que cabe a ele foi feita ensinar todos da melhor forma possível.

A formação educacional que recebemos como educando, foi uma pratica autoritária, na qual os professores não respeitavam os conhecimentos que já tínhamos aprendido na nossa família e no meio social, cobrava apenas uma repetição dos conhecimentos supostamente adquirido durante os dias de estudo.

Dialogar sobre o processo de avaliação escolar nas escolas públicas é um desafio, seja pelas inúmeras necessidades de fazer valer a LDB 9394/96, que garante ao educando o direito de está em um local educativo pedagógico que proporcione a segurança, o estímulo a integração educador - educando, valorize seu saber e contribuía para a construção de novos saberes.

As formas pelas quais os educandos às passaram a realizar as atividades propostas influenciaram bastante o seu desempenho do ensino aprendizagem, devido desenvolver atividades que trouxessem pra dentro da sala de aula formas diversificadas de buscar a leitura e escrita por meio de atividades divertidas e, desta forma expomos aos pais/responsáveis que

dentro de suas casas existe um acervo rico que possa auxiliar os educandos a construir um universo de leitores e escritores através do processo: brincando também se aprende.

O contexto em que foi desenvolvido a pesquisas nas escolas ocorreu em três Projetos de Assentamentos; Lastância (47km), Tarumã (37 Km) e Berrante de Ouro (40 Km), da cidade do/no município de Itupiranga, na estrada que dá acesso ao distrito Vila São Sebastião, que fica as margens da Transamazônica. Assim os educadores que fizeram parte da pesquisa, nomeamos como a educadora “Y” (Projeto de Assentamento Berrante de Ouro), Educadora “Z” (Projeto de Assentamento Lastância) e educadora “W” (Projeto de Assentamento Tarumã). O público eram educandos de turmas multisseriadas da qual já vinha tendo um acompanhamento nos últimos anos na gestão escolar que faço parte.

No texto iremos ter como embasamento teórico os seguintes autores: Luckesi (2005), que discute avaliação como um dos elementos fundamentais na inclusão dos educandos para construção do conhecimento de forma significativa na vida do sujeito; Hoffmann (1995), que contribui numa perspectiva reflexiva sobre o processo avaliativo nas instituições de ensino e como podemos perceber as conseqüências desse processo no espaço escolar quando trazemos discussões positivas que nos leva a propor e a desenvolver metodologia de ensino que contribuem de fato com a realidade dos sujeitos envolvidos, Marconi e Lakatos (2009) que discutem a importância da avaliação escolar nas diversas práticas metodológicas das quais iremos analisando no decorrer do estudo e pesquisa e Freire (1996) que discute os desafios que podemos praticar na educação significativa dos sujeitos com autonomia e emancipação.

O presente trabalho está subdividido em três capítulos. No Primeiro Capítulo busco contextualizar a minha história de vida dentro do processo formativo de avaliação escolar.

No Segundo Capítulo faço uma reflexão sobre a avaliação escolar e proposta de educação do campo em turmas multisseriadas.

No terceiro e último capítulo está composto pelos seguintes tópicos: Metodologias de Avaliação Escolar Pesquisa e Intervenção; Elementos de avaliação utilizados. E faço as minhas considerações finais.

CAPÍTULO 1: DIALOGANDO A HISTÓRIA DE VIDA COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO

Nasci em 10 de Maio de 1976, sou filho de Vicente Pereira da Costa e Ana da Silva Costa, ele nascido em 22 de janeiro de 1943 e ela nascida em 30 de dezembro de 1949 ambos no Estado do Maranhão, sendo o quinto filho do casal, não fiz parte do cenário da falta de estrutura familiar que ouvi muitas vezes meus pais comentar sobre o início de suas vidas e a chegada dos meus três primeiros irmãos, recepções nada fáceis de serem vividas e contadas.

Os tipos de moradias mais utilizadas pelos moradores eram casas de taipa (construídas com pedaços de madeiras), barro molhado, palhas e portas feitas de esteiras, (material feito artesanalmente da palha da palmeira do babaçu), sem se quer oferecer nenhum tipo de segurança a seus moradores e sim tentar evitar que os animais viessem a adentrar as casas na ausência de seus moradores.

A água utilizada pelos moradores era de difícil acesso, pois o próprio nome do lugar já dizia Trecho Seco, sendo que a água para beber, cozinhar, banhar e cuidar dos animais era retirada de lagos a 03 km de distância nas costas dos animais, sem a menor condição de higiene, sendo que o acesso à água variava de morador pra morador.

Quando nasci tudo já era bem diferente, o sonho por um pedaço de chão já havia sido realizado, a falta de estrutura física, financeira e familiar já havia melhorado e em consequência disto presenciei outras experiências as quais foram bem diferentes daquelas que meus irmãos vivenciaram com meus pais, das quais iremos ver no decorrer deste texto.

Durante a minha infância, brinquei bastante não com brinquedos comprados em lojas, mas me virava como podia, fabricava meus próprios brinquedos: meus carrinhos eram feitos de latas de sardinhas, latas de óleo de cozinha, pontas de vigotas (madeira utilizadas em cobertura de casas), minha fazenda de bovinos e ovinos eram feitas de mangas, abacates ou quaisquer frutas pecas¹, buchas naturais e melão São Caetano, todos os brinquedos que queria e não tinha como comprar, construía conforme minha imaginação. Desses só teve um brinquedo dos meus sonhos que não consegui criar, a tão sonhada bicicleta que meu pai havia me prometido, caso passasse de ano.

No decorrer desse percurso obtive grandes lições de vida com meus pais os quais nos diziam que nem tudo que nos negasse não era por serem pais ruins ou porque não tivessem em seu poder, mas às vezes era necessário se ouvir alguns “NÃO”, porque se assim fosse, quando chegasse o momento de ouvir um “NÃO” de outras pessoas fora do ambiente familiar

¹ Frutas que não conseguem chegar o período de formação final.

saberíamos compreender ou discordar. Assim tudo que se conquista por meio de muito esforço e bons exemplos iriam valorizá-lo como se fosse a primeira conquista, pois para alcançarmos nossos objetivos tinham que trabalhar bastante.

Pois segundo a minha mãe (Ana), é o trabalho que dignifica o homem e que nem sempre o que queremos é o que necessitamos. E que o essencial é o principal para a nossa sobrevivência. No período de minha adolescência exercia algumas atividades como: limpava o terreiro, pegava o lixo do quintal, deixava a comida na roça pra meu pai e meus irmãos, cortava no mato vassouras de quina para a limpeza dos quintais, mas o que mais gostava de fazer era cuidar dos carneiros, das galinhas e tirar leite.

Uma das coisas que nossos pais sempre procuravam valorizar era a formação escolar, ouvia diariamente em suas conversas dizerem que não tiveram a oportunidade de estudar e enquanto nós os seis filhos se quiséssemos seguir os estudos eles fariam o possível.

Iniciei minha vida escolar aos sete anos de idade, na qual me deparei com um universo totalmente diferente do que era acostumado: caderno, lápis, o famoso ABC, uma nova família (a escolar) e o próprio prédio, tudo completamente estranho a aquela nova realidade.

Lembrar-me de minhas primeiras experiências referentes aos atos de leitura e escrita é um pouco confuso, porque iniciei lendo o ABC, não precisamente lendo e sim decorando, pelo simples fato de cumprir tabela e regras solicitadas pela escola e a educadora. Quando me refiro a “confuso” é pelo fato de não lembrar quando e em qual série passei a dominar a leitura e a escrita, mas lembro-me bem da minha primeira professora.

Um dos fatores que contribuíram bastante para meu aperfeiçoamento em quanto leitura/escrita foi às vezes em que presenciei meu tio contando história de seu conhecimento ou retiradas de livros pra meus primos, meus irmãos e vizinhos, isso acontecia todas as noites, pois quando ele não aparecia logo íamos a sua procura e, também quando meu irmão lia romances (literatura de cordel) não precisamente pra mim, mesmo assim ficava a ouvir e admirar a agilidade pela qual estava lendo, daí passava a ler mais e a pensar que um dia poderia ler e contar histórias tão bem quanto eles.

Ao chegar a 3ª série do ensino fundamental, lembro que o educador era um profissional muito carrasco, porque com ele o educando aprendia ou decorava de um jeito ou de outro devido o uso de castigos constantes como: bolo de palmatória, castigos no fundo da sala pra todos os outros colegas verem e sorrirem, ficar de joelhos no milho, no sal ou às vezes fora da sala no sol quente pra todos que trabalhava ou estudavam na escola presenciassem, puxões de orelhas dentre outros.

Essa não é apenas a concepção vigente entre professor, mas a crença de toda a sociedade e que transparece em noticiários de jornais e da televisão, nos

As formas avaliativas mais usadas por nossos educadores na ocasião eram questionários com trinta (30) questões objetivas das quais seriam retiradas cinco (05) para caírem na prova escrita/oral, dentre elas quem não conseguissem aprender/decorar todas as questões correria um grande risco de tirar notas vermelhas, e por incrível que pareça as quais não conseguia aprender “decorar” sempre eram lançadas duas ou três delas nas provas.

Visto que com aqueles métodos, logo os educandos as esqueciam o que julgavam os educadores que haviam aprendido. Outro fator que muito contribuiu para meu aperfeiçoamento leitura e escrita foi todas as vezes que surgiam aulas de reforços e minha mãe por não ter um conhecimento amplo, tempo e nem paciência logo nos matriculava.

No dia 24 de dezembro de 1990 após o final do ano letivo mudamos do lugar que morávamos em Marreca – MA, município de Imperatriz para Itupiranga - PA, momento aquele que marcou muito a minha vida pelo motivo da saudade de amigos, parentes e por uma vivência de 14 anos no mesmo lugar, partindo daí para uma nova adaptação, a novos costumes, amigos numa realidade totalmente diferente daquela que era acostumado a viver.

Ao chegarmos à Itupiranga, compramos um pedaço de chão para darmos continuidade às atividades agrícolas que realizávamos no vilarejo “Marreca” no Maranhão.

Em 1991, cursei a 6ª série no período da manhã, durante o ano todo apenas contribui nas tarefas domésticas, mas de forma diferente daquelas que já era habituado, porque naquele momento acontecia uma divisão na base familiar.

Mediante a distância da cidade pra nossa nova residência rural, a divisão se deu da seguinte forma: em Itupiranga ficaram minha mãe, minhas duas irmãs, e eu para que pudséssemos estudar, porque onde havíamos comprado nossa terra não tinha a série que estudávamos e sim só até a 4ª série. Para o nosso lote na área rural foram meu pai, meus dois irmãos adultos e meu cunhado que fica a uma distância de 37 quilômetros da sede do município.

Tudo a partir daquele momento ficara diferente, tivemos que nos adaptarmos com a nova casa construída de tábuas, coberta de telha de barro produzidas em olarias manuais e recentemente pintada pra tentar camuflar os anos de sua construção, com os vizinhos, com o clima, com a escola e com a separação da família.

No ano seguinte comecei a trabalhar ainda com 14 anos em serrarias para me manter e assim poder ajudar na renda da família, já que minha mãe trabalha como bordadeira em casa e quase não consegui manter as despesas básicas da família, os demais alimentos como: arroz,

feijão, farinha, abóbora, macaxeira e tudo mais que era produzida no lote meu pai trazia a cada quinze (15) dias, e como passei a trabalhar, tive que mudar o horário do estudo para o turno da noite.

Estudei o 1º ano do ensino médio através do SOME (Sistema Modular de Ensino) que teve início em maio de 1994 e término em junho de 1995 no curso de contabilidade. Com o sonho de ser educador e no momento não me atentei em pedir opinião a ninguém e por não ter uma visão muito ampla das coisas resolvi optar por contabilidade indo contra meus objetivos.

Minha vizinha e amiga sabendo qual era meu sonho vendo aquilo acontecer ficou angustiada me questionou sobre a possibilidade de me tornar educador quando terminasse o magistério e com a chance de trabalhar assim que terminasse os estudos, então decidir ser educador a partir dali.

Quando retornou as aulas no mês de Agosto (1996), não continuei a cursar o 2º ano do ensino médio em contabilidade, minha mãe que era muito preocupada com nossos estudos perguntou se não iria mais estudar, por perceber que já havia uma (01) semana faltando aula, a firmei que não, e ao receber o questionamento que o estudo seria a única opção em crescer enquanto filho de pobre, me profissionalizar e passar a ganhar o pão de cada dia de forma diferente da que eles ganhavam e furiosa me mandou para nossa terra a 37 quilômetros da cidade de Itupiranga.

Dias depois, ao chegar à terra meu pai me colocou para fazer coisas da roça que nunca tinha feito, pois a prioridade até então era a escola, já que havia parado tive que encarar a situação e fazer o que meus pais mandavam, na ocasião já havia alcançado a maior idade tinha meus dezenove (19) anos, mais como fomos educados de um forma que, sempre nos lembravam, por mais que estivéssemos em nossas casas, na maior idade, em bons empregos eles jamais deixariam de serem nossos pais e que nós deveríamos respeitá-los sempre, porque se há “ex – tudo” menos “ex – pais”.

Roei capoeira², plantei arroz, mandioca, milho, capim, capinei roça, colhi arroz, feijão, quebrei milho, broquei³, trabalhei com o gado, carneiros e galinhas, lembrei-me da minha infância naquele momento com os animais. Duraram sete (07) meses a minha estadia no serviço do campo, até o dia em que mandei dizer para minha mãe me matricular novamente na escola.

Em 1996 retornei a minha vida estudantil já no segundo ano do curso de magistério, em Abril do corrente ano fui convidado a trabalhar como educador de uma turma de 1ª série do ensino fundamental na Escola Em Regime de Convênio Paulo Freire, momento aquele que

² Mato crescido após a colheita da roça

³ Cortar entre a mata as árvores de pequeno porte

me deixou muito satisfeito, por que quando criança sonhava ser educador. Depois de realizar meu sonho de trabalhar na área da educação, tinha um objetivo a alcançar, tornar-me efetivo, mas deveria ter o cuidado de não ser um mero educador, fato evidente pela formação que recebi no magistério, sobre isso Freire afirma:

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativa - crítica é o de que, como experiência especificidade humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução de ideologia dominante quanto o seu desmascaramento (FREIRE, 1996, p.98).

Essa reflexão nos remete numa sensibilização e tomada de decisão enquanto educadores de optar por ser educador a partir de práticas significativas que envolvem estudo e pesquisa sobre a realidade, que valorize o contexto local para que de fato o ensino e aprendizagem tornem significativa aos sujeitos. Poderia eu continuar pensando que ser educador seria apenas realizar um sonho? Claro que não, a contribuição que poderia inserir no processo iria além dos conteúdos apresentados e discutidos em sala de aula, como afirma o autor.

A partir de então surge três metas a serem conquistadas; tornar meu emprego efetivo, passar no vestibular, para a área de Letras e comprar minha casa própria. Depois de um bom tempo de estudo, trabalho, dedicação e incentivo de meus pais, consegui atingir as três metas que julgava serem as principais na ocasião.

Com essas metas a serem alcançadas consegui passar no concurso público da Prefeitura de Itupiranga, como educador, passei por três tentativas no vestibular sem obter sucesso, parti para a conquista da casa própria. Anos depois de muitos esforços enquanto educador, primeiro na cidade e depois no campo, surge à oportunidade de fazer a tão esperada faculdade nas áreas de Ciências Humanas/Pedagogia pelo PRONERA já que era para o público de agricultores e filhos de agricultores, ao fazer parte desse perfil, sou incluído no processo seletivo especial na UFPA campus de Marabá em 2006.

Tento em vista essa experiência consideramos aqui também uma fase importante desse processo minha integração no curso de Pedagogia do Campo em 2006 pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), via Universidade Federal do Pará (UFPA), pelo Movimento da Federação dos Trabalhadores (as) na Agricultura (FETAGRI), um programa específico para os filhos de agricultores.

A necessidade de reconstruir nossas ações enquanto educador do campo uma educação emancipatória, sendo essa uma pratica de experiência de vida, o curso iria nos propor

trabalhar o cotidiano escolar da comunidade do campo a fim de conhecer e intervir com propostas correspondentes ao contexto local dos sujeitos. Assim batizamos a turma por nome de Pedagogia do Campo, devido o público atendido ser uma demanda de camponês da região sudeste do Pará, que representavam dez municípios da região, por indicações dos STTR's pelo movimento da FETAGRI, todos de origem camponesa, porém da categoria de agricultores e filhos de agricultores puderam compor a turma. E pensando na perspectiva de lutar por uma educação que respeitasse a cultura do campo e incluísse seus sujeitos num processo que os afirmasse em seus contextos, o curso permitiu desenvolver algumas práticas significativas para discutir o modelo de educação posto nas escolas do campo como educação.

O curso era dividido em duas etapas: tempo universidade e tempo comunidade. No tempo universidade etapa em que eram ministradas as disciplinas com duração de oito (08) horas diárias e sete (07) dias semanais na qual iam de Janeiro a Fevereiro e de Julho a Agosto de cada ano.

As atividades estudadas nesse período se baseavam na proposta pedagógica que incluía as práticas trazidas do tempo comunidade pelos estudantes do curso, tratava-se de uma integração entre as necessidades educacionais em que as comunidades representadas na turma vivenciavam assim durante o curso as ações se norteavam a partir do que poderia servir como elemento de contribuição e transformação das realidades acompanhadas entre as comunidades e a universidade.

Para realizar as atividades no tempo comunidade tínhamos que nos planejar e adaptarmos diante da realidade encontrada, isso permitiu uma relação integradora entre comunidade e escola com apoio na participação e construção do processo dos educandos, o que possibilitava um desenvolvimento significativo das atividades.

Foi considerando a opinião da comunidade que muitos dos desafios encontrados foram se resolvendo no decorrer do processo. Dentre esses desafios, identificamos a necessidade em que os educadores encontravam, por não ter uma formação que pudessem auxiliar suas práticas didáticas, como um simples debate que poderia ser sistematizado e avaliado em busca de melhores condições para uma educação de qualidade com apoio do governo municipal.

Ao dialogar sobre a realidade da educação do campo na comunidade os pais/responsáveis provocaram a inquietude da comunidade em querer participar mais ativamente de debates que colocava em pauta questões de seus interesses, um desses foi à criação da turma de Educação Infantil na comunidade, depois da realização de uma pesquisa sobre a demanda, visão dos pais/responsáveis sobre a importância da educação infantil, refletindo depois na solicitação e organização da comunidade na busca desse direito.

Dentro do processo de realização das atividades tempo comunidade, encontramos muitas dificuldades no que diz respeito a questões educacionais, devido nos confrontarmos com situações e pensamentos diversos, onde pais/responsáveis colocavam suas opiniões a respeito do assunto em debate, na qual percebemos que apesar de não compreender bem a discussão às vezes por não possuírem uma formação voltada às questões educacionais a não ser a vontade de querer colaborar e saberem que deveriam matricular os filhos na escola.

Mesmo assim colocavam seu ponto de vista de forma bem simples quando falavam que educação infantil era uma perda de tempo, devido às crianças ir pra escola só pintar e riscar ou rasgar papel ou quando dizia que era importante, mas quem deveria ser a educadora era uma mulher de preferência evangélica.

Percebemos também que muitas das vezes o poder público em qualquer esfera deixa a desejar quando projetam construções de prédios escolares, determinam conteúdos sem se quer olhar a realidade do público a quem está sendo destinado. Falta de apoio em buscar formações que possam subsidiar os educadores do campo.

Os projetos desenvolvidos no tempo comunidade eram socializados na universidade em grupos [às vezes divididos em duplas, trios...] antes de serem realizados tínhamos que fazer pesquisas que identificavam algumas ações culturais nessas comunidades como, por exemplo, o perfil dos agricultores, tipos de sementes que plantavam, tempo do plantio, da capina e colheita dos alimentos. Todos esses procedimentos tinham como objetivo também confrontar respostas e verificar as diversidades de experiências existentes entre os Projetos de Assentamentos de Itupiranga/PA e os outros municípios que estavam sendo representados na turma de Pedagogia do Campo.

Assim essas atividades possibilitavam conhecer, vivenciar, problematizar e propor elementos para discutir questões que coletivamente poderiam ser instrumentos de luta para a transformação da educação no contexto desses sujeitos.

Na Escola Carlos Gomes podia identificar muito dos desafios vivenciados no processo, dentre eles, a ausência de um espaço na escola para o lazer, não existia a possibilidade de fazer atividades esportivas com os educandos devido à escola ter sido construída na descida de um morro, sem preocupação de pelo menos planejar a área antes ou após a construção da mesma.

Além disso, não tinha como fazer atividades fora da sala de aula por esta ser a única opção de realizar atividades na escola: reunião de pais, festas comemorativas dentre outros.

Mesmo sendo inviáveis algumas vezes as atividades escolares aconteciam no campo de futebol da comunidade com os educandos, porém não sendo propício devido o horário ofertado ser impróprio para expor os educandos, em que o clima sempre se divide em tempo

muito quente e/ou chuvoso foi suspensa essa possibilidade ficando apenas em sala de aula fechada, gerando conflito entre educandos e educador.

O educador tem uma visão diferente a respeito da aula de Educação física, em que a mesma não se dá apenas com jogos, o que torna desagradável para os educandos que pretendem se divertir e gastar um pouco de suas energias a partir de aulas dinâmicas envolvendo movimentos corporais numa percepção do que seja educação física.

Com isso percebe-se claramente que nesse contexto, as opções de esporte e lazer se resumem apenas no futebol envolvendo muitas vezes todos da comunidade.

[...] Os políticos, responsáveis pela criação de escolas, apontam os índices de reprovação nas primeiras séries para justificar a inexistência de vagas para todas as crianças. Na verdade, mesmo que almejássemos índices negativos de reprovação, não haveria escolas para todos. O que pretende dizer é que, em primeiro lugar, não se pode falar em melhoria da qualidade de ensino sem antes atender o direito fundamental da criança de ter acesso (ingresso) à escola [...] (HOFFMANN 1995, p. 14).

As estruturas internas das escolas não possibilitam um conforto que auxilie uma boa aprendizagem para os educandos, devido à ausência de materiais no processo de construção do conhecimento como: carteiras de fácil acesso à locomoção, ventiladores, merenda escolar durante ano inteiro, lousa com quadro magnético, formação que dê suporte a reinventar metodologias inovadoras respeitando os limites dos educandos, vencendo assim os desafios apresentados no processo.

A problemática do ACESSO escolar pode ser vista de duas maneiras no meu entender: ACESSO como INGRESSO, por ofertas de vagas no ensino público; ACESSO a outras séries e graus de ensino, por PERMANÊNCIA do aluno na escola, através de um processo de aprendizagem contínuo e que lhe possibilite, de fato, o acesso a outros níveis de saber (HOFFMANN 1995, p. 13).

É visivelmente notável que a estrutura das escolas tanto do campo quanto da cidade está fora de contexto que rege uma proposta significativa e atenda os cuidados necessários aos educandos. É percebido na Escola Carlos Gomes, que essa realidade não é diferente, a estrutura dessas, que tem pisos lisos, escadas altas que uma hora ou outra provoca acidentes devido as irregularidade apresentadas na estrutura feita no ambiente. Uma medida que pode ser resolvida a partir de reuniões com a comunidade em debates significativos sobre questões a serem resolvidas pela comunidade escolar e comunidade de pais/responsável.

A ausência de bibliotecas ate mesmo a ausência de um simples espaços que contribua para concentração de momentos de leitura mais prazerosas, que possa ter acervo e estimule

primeiramente os educadores e posteriormente os educandos a sentirem um despertar no prazer de ler livros com diversas informações.

Bem sabemos que bons textos e ambientes de leitura agradáveis possibilitam aos educandos descobertas interessantes, ler somente pra cumprir tarefas não te dar prazer nem te impulsiona querer buscar além, devido à ausência de bons livros em determinadas localidades e também pelas vezes não sabermos cativar nossos educandos deixamos de realizar trabalhos bem satisfatórios e prazerosos.

A experiência na turma de pedagogia do campo, algumas das oficinas que participamos podemos perceber como o encaminhamento dado nas atividades para construção dos conhecimentos dos educandos iam se dando. Segundo o relato de Baron: “Pedimos aos participantes a permissão para trabalharem com toques mais sensíveis e estender a massagem para incluir os olhos, a boca, os ouvidos e a pele, para resensibilizar e estimular as suas linguagens e inteligências sensórias” (BARON, 2011, p.203).

A ausência de ambientes que possibilitem os educandos se sentirem mais a vontade no espaço escolar vêm contribuindo muito para o fracasso educacional, muitas escolas não disponibilizam de pátios cobertos para que os educandos possam merendar sentados tendo que ficar a procura de locais pra que possam degustar o que às vezes faltou em casa na sua alimentação.

Percebe-se que há falhas em setores da construção civil, quando se refere a ambientes que dá acesso a áreas de necessidades pessoais (banheiro comunitários) o qual na maioria das vezes são impróprios para o uso principalmente no que venham favorecer as meninas, isso é visivelmente vistos em escolas de qualquer esfera, porque podemos verificar que não é realizado um estudo que possa fazer uma análise sobre os usuários e as formas pelas quais utilizam tais necessidades.

As estruturas das salas de aulas no geral em especial na Escola Carlos Gomes não atendem as necessidades e atividades que são realizadas em seu interior, no qual o educador prepara suas aulas visando depois expor o fruto de uma construção do conhecimento produzido por seus educandos na sala afim, de realizar reuniões com pais/responsáveis no intuito de motivar a integração da família no processo educacional de seus filhos e não como já é de costume para informar sobre o mau comportamento relacionado a valores morais entre educadores e educandos, não há como, porque a ausência de uma estrutura que viabilize esse processo é visivelmente observada.

Equipes pedagógicas preparadas (direção, secretaria, coordenação, parceiros – conselho tutelar, PJ, Saúde, APEA - STTR... associações... planejamento de ensino e

avaliação da aprendizagem dos educados coletivamente). Um ensaio de debates sobre a importância de se discutir a educação nas bases.

Antes de levar demandas ao governo... Repensando o currículo...avaliação do contexto como conhecimentos prévios do que poderia melhorar no dialogo, aprendizagem, entre comunidade e escola (um relação próxima entre governo e comunidade).

Dentro da escola, com as pessoas envolvidas, a integração entre comunidade e escola, educando e educador, a intervenção dos pais responsáveis e como isso tudo era sistematizado e devolvido a comunidade a partir de orientações na universidade? No tempo comunidade onde seriam desenvolvidas as atividades que iriam dá suportes para às próximas disciplinas que disponibilizavam de Fevereiro a Junho e Agosto a Dezembro do ano em curso.

CAPÍTULO 2: AVALIAÇÃO ESCOLAR, SOBRE A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO EM TURMAS MULTISSERIADAS.

Os métodos de avaliação escolar tem se pautado em pesquisa ao longo do processo histórico do Brasil, que ora outra muda de modelos diversos de testar os conhecimentos dos educandos nas escolas sejam elas públicas ou privadas, promovendo planejamentos e regras de avaliação escolar num contexto geral em todo país. E mesmo tendo a garantia em lei de como podemos proporcionar uma avaliação escolar merecedora, significativamente comprometida com as necessidades dos educandos, quando a LDB 9.394/96 no artigo 24, inciso V, garante que:

- a) Avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) Possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) Possibilidade de avanço nos recursos e nas séries mediante a verificação do aprendizado;
- d) Aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e) Obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus rendimentos;

Isso significa que as avaliações escolares ocorridas nas escolas devem existir como instrumentos que auxiliem os educandos (as) a superarem suas dificuldades, nunca como elementos de punição. Que possa acontecer de forma contínua e cumulativa a fim de acompanhar o desenvolvimento dos educandos (as), que venham a prevalecer os aspectos de construção da aprendizagem sobre a quantidade de conteúdos trabalhados sem determinados objetivos a serem seguidos e, que os resultados a serem alcançados possam apresentar efeitos consecutivos sobre os possíveis atos de aprovação/reprovação no final do bimestre.

Assim nossas práticas vêm nos revelando o quanto nós educadores (as) estamos voltados ao simples fato de reprodução de saberes a respeito das práticas pedagógicas educativas as quais fomos educados.

Um dos entraves que tem desafiado os educadores ao fazer avaliação escolar nas turmas pode ocorrer devido ausência de um olhar mais voltado para atender as necessidades que nossos educandos apresentam no dia-a-dia da sala de aula, devido às inúmeras regras que os obriguem a promoverem seus educandos para série seguinte, mesmo que eles ainda não dominem a leitura/escrita correspondente ao vocabulário da série que atuam os impedindo de deixá-los repetir o ano, Hoffmann afirma que:

A questão que coloco é de que forma tais professores vêm interpretando, no seu cotidiano, propostas de promoção automática? Pois, se apenas aplicam provas aos alunos por obrigação do sistema, por ter de enunciar e comprovar resultados periódicos e finais do aluno, essas propostas passam a liberá-los de quaisquer compromissos nesse sentido. Ou seja, se antes só realizavam provas finais e para constatar resultados, então, agora, nem isso é necessário fazer. Podem simplesmente “dar suas aulas”, sem se preocupar em ver o que o aluno sabe ou não sabe, já que ele será aprovado mesmo (1995, p. 23).

Devido ao sistema de promoção nos dois (02) anos iniciais do ensino fundamental, muitos de nossos colegas educadores não se dão conta de que avaliar é necessário e, que essa avaliação deve buscar respostas aos objetivos propostos no processo de construção do ensino aprendizagem de nossos educandos, e que ignorar essa metodologia de acompanhamento mais cuidadoso ao termo “avaliar” só faz com que a educação em nível de Campo, Cidade, Estado e Brasil só tende a fracassar a cada dia nas escolas, fazendo com que nossos educandos passem a serem promovidos não pelo processo de avaliação contínua e cumulativa e, sim pela mera obrigação de cumprir regras estabelecidas pelo sistema educacional brasileiro.

O Governo Federal visando o ensino e aprendizagem dos educandos implantou alguns programas de incentivos ao planejamento escolar como: Escola Ativa, PROFA (Professores Alfabetizadores) e PACTO (Programa Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa), tendo por finalidade despertar os interesses dos educadores pelo planejamento pedagógico focalizando nas peculiaridades dos educandos incentivando o hábito de leitura e escrita.

Deste feito, nós educadores do ensino fundamental ao ensino superior podemos refletir e procurar metodologias capazes de possibilitar o estímulo em nossos educandos, e o interesse por buscar na escola aquilo que possa lhe viabilizar um aprendizado que sirva para futuras conquistas.

Contudo, é necessário que possa haver uma atenção maior dos nossos representantes governamentais no sentido de conseguir investimentos voltados para educação em nível nacional, no que diz respeito a cursos que qualifiquem os educadores rumo a uma visão que veja o educando como um ser capaz de compreender o mundo a partir do seu ponto de vista, que possam expressar suas opiniões referentes a tais questões e que essas passem a ser respeitadas e aproveitadas dentro dos conteúdos em discussão de sala de aula. Segundo Hoffmann.

O significado primeiro e essencial da ação avaliativa mediadora é o “prestar muita atenção” nas crianças, nos jovens, eu diria “pegar no pé” desse aluno mesmo, insistindo em conhecê-lo melhor, em entender suas falas, seus argumentos, teimando em conversar com ele em todos os momentos,

ouvindo todas as perguntas, fazendo-lhes novas e desafiadoras questões, “implicantes”, até, na busca de alternativas para uma ação educativa voltada para a autonomia moral e intelectual (1995, p.34).

Para se pensar em uma Educação do Campo que valoriza a identidade dos sujeitos envolvidos no processo de formação educacional, é preciso acima de tudo pensar no meio que estão inseridos. Tendo como princípios metodológicos de ensino e aprendizagem dos educandos a valorização dos conhecimentos prévios que trazem consigo do convívio familiar, fazendo uma inter-relação entre o livro didático com as vivências dos educandos. Segundo Hoffmann:

[...] muitos questionam os ditames da avaliação tradicional, discordando, denunciando a sua coerência. O que está difícil é acreditar que existem muitos caminhos possíveis para essa prática, desde que tenham significados lógicos. Não se trata de buscar respostas únicas para as várias situações enfrentadas, mas construir uma prática que respeite o princípio de confiança máxima na possibilidade de o educando vir a aprender (1995, p.40).

Os educadores do “campo” ainda estão muitos “submissos” ao livro didático e em passar conteúdos muito distantes da realidade dos educandos, como meio de prepará-los para a prova para obtenção de nota e isso muitas das vezes acaba tornando a aula desmotivadora e contribuindo para o fracasso escolar.

Os educadores que atuar diretamente no campo precisam conhecer a realidade dos sujeitos do campo, procurando adequar os conteúdos didáticos aos educandos atendidos pelo mesmo, possibilitando a sala de aula um ambiente de interação e reflexão dos conteúdos abordados como meio de despertar os interesses dos educandos de participar das aulas.

Os educandos podem ser avaliados de forma contínua a partir de cada ação desenvolvida pelos educadores como: participação nos debates de grupos e individuais, extraclases e na socialização das experiências adquiridas.

Se tratando de uma educação que atenda as necessidades do povo do campo, é necessário que se pense em um currículo voltado as vivências dos sujeitos que vivem nessa realidade, devido haver o mito de que o campo está fora da realidade em que se ver a educação como um direito de todos, que seja um processo igualitário, onde os educandos do campo possam desfrutar de escolas adequadas que possibilite aos sujeitos dessa realidade um aprendizado com acesso a tecnologia, ao esporte/lazer, profissionais qualificados e comprometidos com uma educação que transmita segurança, entusiasmo e um estímulo aos educandos nos anos que se sucede.

As mobilizações que vêm sendo liderada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Universidade de Brasília (UnB), Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), Organizações das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) rumo a uma Educação do Campo consistem em assegurar uma seqüência de estudos que atendam os níveis de ensino fundamental e médio, pois são poucos os assentamentos que contam com essa competência de serviço. Nesse sentido os educandos para dar sequência aos seus estudos têm que migrarem para a cidade e morar em casas de parentes, outras vezes a família até abandonam seus lotes para acompanharem os filhos, passando às vezes a aumentar o número de família que vive nas periferias das cidades.

O principal objetivo de lutar para que se discuta um currículo voltado a atender os sujeitos do campo é colocar os educandos (as) dos assentamentos frente a uma discussão que permitam está de igual teor aos educandos (as) das cidades, visto que é dever do Estado fornecer uma educação de qualidade independente do local em que se encontram qualquer cidadão. Segundo Hoffmann:

Os políticos, responsáveis pela criação de escolas, apontam os índices de reprovação nas primeiras séries para justificar a inexistência de vagas para todas as crianças. Na verdade, mesmo que almejássemos índices negativos de reprovação, não haveria escola para todos. O que pretendo dizer é que, em primeiro lugar, não se pode falar em melhoria da qualidade de ensino sem antes atender o direito fundamental da criança de ter acesso (ingresso) à escola (1995, p.14).

Se há certa resistência por nossos representantes políticos em criar mecanismos que atenda as necessidades que nossos educandos têm do acesso a escola, logo se percebe o quanto será árdua as lutas por um currículo voltado a atender as necessidades dos sujeitos do campo.

As escolas que temos atendendo os sujeitos do campo, não correspondem aos anseios de ensino aprendizagem dos nossos educandos, devido não ter estrutura básica que possa sanar as necessidades de aprendizagem, isso porque há uma mistura de séries a serem atendidas no mesmo local e instante. Pois sabemos que trabalhar uma única série faz nos depararmos com um emaranhado diversificado de aprendizagem, visto que em nenhum momento foi diagnosticado que uma turma tenha um aprendizado homogêneo.

As turmas multisseriadas que estão presentes na realidade dos sujeitos do campo apresentam muitas desafios de aprendizagem, devido nossos educadores não saber como buscar mecanismos que possam atender as necessidades de aprendizagem que nossos educandos que realmente precisam para se desenvolverem em relação à leitura/escrita, isso

por às vezes se prenderem aos livros didáticos ou por não conseguirem se adaptar ao sistema que envolve educandos de educação infantil ao 5º ano.

Isso pode ser percebido nas turmas pelas quais acompanhamos durante o processo de observação e de intervenção por meio do projeto “festa junina”, onde fica visível o quanto é complexo trabalhar essa realidade, pois a aprendizagem dos educandos necessita de maior acompanhamento por parte dos “órgãos” responsáveis pelo sistema de ensino, visto que a multissérie traz uma questão norteadora que é alfabetizar os educandos nos diversos eixos em que estão inseridos. Segundo Hoffmann:

Uma melhoria da qualidade do ensino deve absorver os dois níveis de preocupação: escola para todas as crianças e uma escola que compreenda essas crianças a ponto de auxiliá-las a usufruir seu direito ao ensino fundamental no sentido de sua promoção como cidadãos participantes nessa sociedade; uma escola que perceba a educação como direito da criança e um compromisso da escola em torná-la consciente desse direito e capaz de reivindicar uma escola de qualidade. (1995, p.16).

A escola que queremos para o campo é aquela que dê subsídio aos nossos educandos possibilitando mecanismos que mostrem o que querem e que aprendam a lutar por seus objetivos.

O processo de ensino pelo qual passam os educandos habitantes do campo vem se mostrando cada vez mais preocupante, devida a ausência de um acompanhamento mais de perto da secretaria de educação no que se refere a auxílio aos educadores, pois a mesma recebe seus profissionais uma vez por mês em reuniões, onde muitas das vezes não se trata das dificuldades encontradas nas realizações das atividades pelas qual tenta construir junto aos educandos mecanismos que os ajudem a acompanharem o percurso do processo ensino aprendizagem. No retorno para suas localidades cada educador faz o que pensa está correto ou um “faz de contas” que eu ensino e tu aprendes.

Trabalhar a realidade com turmas multisseriadas é complexo, devido às inúmeras dificuldades encontradas em determinadas situações, na qual o educador buscará subsídios para auxiliar o ensino aprendizagem dos educandos de educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental. Foi visível perceber devido a um acompanhamento por meio de observações e desenvolvimento do projeto “Festa Junina” e também por já ter participado da mesma situação, na qual pra tentar conciliar um acompanhamento no sentido geral o educador faz divisões da turma mediante série ou nível de conhecimento, permitindo perceber que tais situações às vezes separam os educandos uns dos outros no sentido de tentar abraçar a causa de alfabetizar cada um dentro do seu nível de conhecimento, pois muitas vezes delimitam barreiras separando os que sabem dos que não sabem.

A avaliação ocorrida nesse processo vem acontecendo de forma classificatória, devido se perceber que as atividades passadas em sala ou extrassala tinha um punho avaliativo de alcançar notas e não de acompanhar o desenvolvimento do educando, pois a cada atividade se notava que quem não apresentasse à educadora ficaria sem o visto e esse mesmo valeria ponto na prova, pois sempre se ouvia das educadoras os seguintes comentários: “quem não responder a atividade não vai ganhar o visto no caderno e vocês já sabem que vale ponto na prova”.

Percebemos na entrevista com a educadora que a partir do momento que passamos a construir atividades voltadas pra sua realidade, o interesse fluiu, pois durante o processo de construção da mesma se ouvia debates a respeito de como estava sendo confeccionando tal atividade, onde foi visível notar que aqueles educandos que não participavam muito das aulas passaram a se integrar mais e aqueles que eram rotulados de bagunceiros passaram a ajudar os colegas que apresentavam dificuldades em resolver determinadas atividades. Hoffmann

As notas e as provas funcionam como redes de segurança em termos de controle exercido pelos professores sobre seus alunos, das escolas e dos pais sobre os professores, do sistema sobre suas escolas. Controle esse que parece não garantir o ensino de qualidade que viemos pretendendo, pois as estatísticas são cruéis em relação à realidade das nossas escolas (1995, p. 26).

Muitos de nós educadores ainda fazemos uso das avaliações como instrumento que impõe respeito aos educadores, pune aqueles que não estão atentos aos assuntos em discussão, os que não apresentam um comportamento que agrada seu ponto de vista quanto educador, isso mediante ainda ter a avaliação como instrumento de classificação, seleção, exclusão e imposição, ou por apenas reproduzir aquilo que ficou impregnado no seu modo de ver a ação avaliativa dentro do processo escolar, não se atentando que para avaliar necessita partir de um ato contínuo, amoroso, cumulativo e que avaliar é diagnosticar para trazer debatendo as dúvidas surgidas no decorrer dos assuntos discutidos.

Os registros de avaliação refletem a imagem da ação desenvolvida pelo professor. Tal reflexo tende a ficar nebuloso, falso, quando os códigos a serem utilizados não permitem uma representação clara, nítido, significativo, do que se observou e do trabalho realizado junto aos alunos (Hoffmann, 1995. P.117).

Nesse sentido a autora nos faz refletir que avaliar sem uma visão clara e consistente do que se espera conseguir do educando dentro do processo avaliativo, sem levar em consideração suas dificuldades, usando códigos apenas pra classificar os sujeitos envolvidos

em: esse sabe e esse não sabe, onde é que a ação de avaliar leva a entender que essa metodologia estará contribuindo com o processo ensino aprendizagem dos educandos ?

Muitos de nós educadores, às vezes por não termos um conhecimento lógico do significado do termo “avaliar” ou por não querer nos desprender dessa ferramenta de “poder” sobre a ação avaliativa, cometemos erros gravíssimos em dizer que estamos avaliando nossos educandos por meios de provas secas, exigindo respostas objetivas as quais não possibilita os sujeitos a se integrarem dentro do processo sentirem-se parte das discussões realizadas em sala de aula.

Sabemos que avaliar de fato e de direito requer muitos cuidados, não é apenas atribuir códigos que vá dizer: esse serve e esse não serve devido o sistema exigir das escolas e essas dos educadores uma resposta do seu trabalho, é essencial que verifiquemos todos os itens cabíveis a fim de não cometermos o “pecado” de estarmos julgando, classificando, selecionando, excluindo pensando está acompanhando, orientando, incluindo, construindo junto aos educandos um universo que haja cumplicidade, confiança, segurança e determinação. “Ora, o mais grave é quando nem sequer questionam determinadas normas e rotinas seculares” (Hoffmann 1995, p. 117).

Nossos educadores em sua sã consciência conseguem perceber os enunciados que acontecem nos processo avaliativo nas escolas, mais de certa forma não querem se desvincular dessa ferramenta, mesmo percebendo que os atos de rotinas seculares não provocam nos educandos o interesse pelo conteúdo em discussão, transformando nossos educandos em meros reprodutores das ações propostas pelo sistema de ensino. “Quando consideram lógico, por exemplo, atribuir notas às crianças que estão iniciando o seu processo de alfabetização, subdividindo-se, ainda, em disciplinas: Português, Matemática, Estudos Sociais e outras” (Hoffmann 1995, p. 117).

Como atribuir notas a educandos que estão no início do processo de alfabetização sem que os mesmos compreendam qual a finalidade de se atribuir notas seja em qualquer disciplina nem mesmo o que significa provas e o seu objetivo, o necessário a se fazer nesse momento é construir junto a esses educandos um processo que acompanhe e que venha a diagnosticar o desenvolvimento para então trazê-lo para temática discutindo essa situação de forma compreensível e estimuladora, fazendo uso das notas não como instrumento de classificação mais sim de integração contínua no processo ensino aprendizagem.

“Os registros do acompanhamento dos alunos só podem constituir-se ao longo do processo” (Hoffmann 1995, p. 118). É facilmente notável que nós educadores quando somos solicitados a fazermos relatórios referentes aos desenvolvimentos de nossos educandos, o quanto nos retratamos em nossos registros de acompanhamento em relatar o que acontece nos

momentos das brincadeiras, falta de atenção, falta de compromisso em realizar certas atividades, ou seja, “pontos negativos” dos educandos aos quais nos esquecemos de retratarmos os avanços, “pontos positivos” o quanto estão evoluídos na leitura/escrita, na produção de textos, no contar histórias, nas interpretações de textos oral/escrita, na resolução de problemas, na participação nos debates, etc. Isso está visível nos encontros de pais/responsáveis e escola.

Os acompanhamentos devem acontecer de forma contínua e cumulativa, porque isso acontecendo possibilita ao educador perceber o desenvolvimento dos educandos e a partir de então diagnosticar os níveis em que se encontram e o que ainda não conseguiram assimilar nos conteúdos discutidos no decorrer do processo de construção da aprendizagem.

“[...] Tradicionalmente parece-lhes que a nota, o conceito, não os denuncia: é do aluno, foi tirada por ele. Não percebem que a opção por tais formas de registro pode expressar uma postura pedagógica?” (Hoffmann, 1995, p. 120). Nós educadores quando ainda não temos consciência das nossas ações metodológicas, queremos atribuir o fracasso de nossos educandos a sua falta de atenção, de respeito aos educadores, ao cumprimento das normas estabelecidas pela escola, às brincadeiras em sala de aula, às agressividades ocorridas, o que queremos é encontrar subsídios que diga ”a culpa não é minha” porque a parte que cabe a mim foi feita, agora se eles não prestam atenção o que posso fazer. Essa frase se ouve todas as vezes que é perguntado isso a um educador, porque seu educando não aprende? Ainda sobre a pesquisa de Hoffmann (1995, p. 42), num relato de um educador de Química, 2º grau, disse em seminário: “Se dos 35 alunos de minha turma, 32 aprendem e 03 não aprendem, a culpa não é minha!

Enquanto nós educadores pensarmos dessa forma, nossos educandos estão correndo riscos de ser apenas reprodutor daquilo que vivenciaram ao longo de sua vida no cotidiano familiar, religiosa ou escolar. Devemos estar muito atentos às ações pelas quais desenvolvemos nossas metodologias escolares, tendo consciência de que o que deu certo pra uns podem não servir pra outros, isso fica bem claro quando se trata de pessoas, porque as metodologias usadas por mim enquanto educador pode atingir o topo do entendimento da maioria de meus educandos e os que não conseguiram aprender devo deixar de “lado”?

Nós educadores, ao percebermos em nossos educandos certa dificuldade de entendimento, devemos repensar se a metodologia utilizada está servindo para despertar em meus educandos caminhos que busque a novas descobertas, questionamentos, indagações, interesse pela temática discutida. Se não está atendendo a isso, as avaliações contínuas e cumulativas nos demonstrarão deste feito devemos procurar outras metodologias a serem aplicadas, pois culpar nossos educandos não solucionará o problema. [...] Nós fomos

acostumados a planejar o futuro (planos que permanecem no papel) e não a refletir, relatar sobre o que aconteceu, os porquês, prováveis encaminhamentos. (Hoffmann, 1995, p.120) de acordo a autora quando vamos fazer os nossos planejamentos pensamos numa aprendizagem futura dos nossos educandos, não paramos para refletir e analisar o que eles ainda não conseguiram assimilar, o porque da falta de compreensão, quais foram as suas dificuldades de aprendizagem e o que deixamos a desejar é preciso se pensar em novas estratégias de ensino que venha de encontro com as reais necessidades dos educandos.

A partir do momento que nós educadores começamos a pensar mais em nossos educandos, nos seus anseios, nas suas dificuldades, o porquê do fracasso escolar, e tentarmos mudar as nossas práticas, buscar novas estratégias, com certeza teremos sucesso na aprendizagem dos nossos educandos.

CAPÍTULO 3: AVALIAÇÃO: UM PROCESSO CONTÍNUO SIGNIFICATIVO OU UMA PRÁTICA DE RESULTADOS IMEDIATOS?

Considerando a experiência na área da educação em turma de multissérie durante quatro anos, com nível de formação em magistério, compreendo a necessidade de acompanhamento e planejamento para que as aulas pudessem estimular e envolver os educandos na construção do saber, e que mesmo estando como diretor de dezenove escolas no campo e sem muito suporte financeiro para está acompanhando todas com a devida atenção da qual necessitam, procuramos nas reuniões incentivar os pais, os educadores e educandos para afirmar a importância dessa parceria dentro do processo de responsabilidade dos sujeitos sobre e com a comunidade escolar.

Uma das hipóteses que motivou na pesquisa foi o processo avaliativo trabalhado dentro dos níveis de ensino, dos programas elaborados pelo sistema da educação brasileiro, há diversos métodos aplicados no cotidiano escolar, onde existem compreensões diversas de práticas “educativas pedagógicas” de avaliação escolar, não há dúvidas da existência de um jogo de expectativas relacionadas aos respectivos desempenhos.

Tendo como base a escola, uma instituição social determinante aos comportamentos de educadores, por outro lado, como instituição social, a escola é determinada pelo conjunto de experiências que a sociedade faz sobre a mesma. Segundo Hoffmann “a maior polêmica que se cria hoje em relação a uma perspectiva inovadora da avaliação, diz respeito à questão da melhoria da qualidade de ensino” (1995, p.11).

Diante dos desafios encontrados em anos de trabalho, como educador e sem uma formação apropriada para atuar no campo, são perceptíveis os desafios pelas quais vivenciei e que após uma formação voltada à realidade dos agricultores e filhos de agricultores em planejamentos que considera um currículo contextualizado, conseguimos dialogar significativamente com os sujeitos e assim construir um conhecimento que hora tem contribuído para me perceber enquanto o sujeito flexivo e assim emancipar uma prática baseada na transformação dos sujeitos de maneira participativa, ao invés de apenas educandos ouvintes do processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva abre-se um novo olhar sobre os diversos conceitos e práticas de avaliação escolar, utilizadas por educadores que atuam em escolas no campo.

A metodologia utilizada na pesquisa para selecionarmos as escolas da pesquisa dentre as dezenove escolas anexos à Escola Carlos Gomes, selecionamos duas (02) escolas que corresponde a duas turmas, incluindo mais uma (01) turma da escola pólo o que se resume em

três escolas. Usamos como critério de seleção três pontos essenciais na pesquisa, para discutirmos avaliação escolar num contexto que permite a emancipação dos sujeitos.

A primeira é que os educadores teriam que morar na localidade, que estas atuassem em turmas multisseriadas e por último que fosse viável fazer um intercâmbio de experiências entre as três escolas durante a pesquisa ação. Lembrando que esses educadores pudessem ter níveis de formação e experiência em salas de aulas diferentes; i) na escola anexo 01, a Educadora “Y”, estava em sua primeira experiência de sala de aula na situação de contratada, tem 21 anos de idade e atualmente está cursando Gestão Ambiental em faculdade particular (METRÔPOLITANA), a escola anexo 02, a educadora “Z”, atua a 24 anos na educação, tem 39 anos de idade, iniciou como educadora leiga – fez o ensino médio magistério através do (PROJETO GAVIÃO), é pedagoga (UNAMA) e Especialista em Gestão e Orientação Educacional – Particular (HOKEMÃH) e na escola pólo a educadora “W”, atua 15 anos em sala, tem 42 anos de idade, magistério, cursa letras – Particular (METRÔPOLITANA).

Os critérios usados para a seleção das educadoras foi para que a proposta da pesquisa ação pudesse ter um respaldo maior junto à comunidade escolar durante e após o processo de pesquisa. Assim também como procuramos considerar que por mais que não tivessem nível superior, pudessem está cursando, para que o dialogo fosse mais aberto sobre a importância de está se profissionalizando e melhorando a cada dia a prática educativa.

Podendo mostrar os desafios que essas educadoras encontram para tentar se formar a partir de suas ousadias de terminar e/ou cursarem nível superior em universidades/faculdades particulares, uma força de vontade que não se acomoda por aguardar uma oportunidade das instituições públicas no Brasil ou por não se preparar para enfrentar as exigências dos vestibulares públicos. Tendo em vista essa trajetória observando suas práticas a respeito da avaliação escolar na sala de aula.

Outro entrave que há na forma de avaliar e o contexto avaliativo, as questões que aparecem nas provas escritas, são mal formulados, onde na maioria das vezes os educandos não compreendem o que o educador quer saber, e nas respostas dos educandos não é considerado os conhecimentos adquiridos no meio social. Esta incompreensão da contextualização das provas escritas também é um fato preocupante que deve ser observado pelos educadores, que devido a suas formações em disciplinas específicas, há uma preocupação com conteúdos científicos, e não aprendizagem na sua totalidade que possam compreender as problemáticas da realidade, que podemos aprender a partir do micro para o macro.

Utilizamos como metodologia para coleta desses dados da pesquisa; rodas de conversas e questionário aberto aplicado aos educadores das referidas escolas. E para

formalizar esta metodologia de pesquisa, usamos de forma dialógica para que o educador pudesse compreender o objetivo da metodologia e interesse da pesquisa, questionário com perguntas nas quais eram colocados as idéias de curiosidades em descobrir o motivo que a avaliação é feita simplesmente de uma forma questionada.

Para registrar as informações coletadas com os educadores, foi utilizado um momento de diálogo, onde foi colocado o objetivo. A pesquisa teve início em julho de 2012 a junho de 2013 com os educadores e educandos das escolas já mencionadas, onde houve reuniões envolvendo educadores, pais, responsáveis e comunidade.

Essa prática teve por finalidade discutirmos temas que tratasse das dificuldades que vem provocando o fracasso escolar de nossos educandos como a forma em que nossos educadores estão vendo a avaliação dentro do processo escolar. Nesses espaços utilizamos como instrumentos; reunião com pais de alunos.

A cada visita agendada com a comunidade de pais e escola procuramos discutir as problemáticas surgidas no espaço escolar dentre elas integravam-se a orientação educativa pedagógica da participação da sociedade na escola com uma responsabilidade de todos e não exclusivamente do educador e/ou diretor, com início em julho de 2012 a junho de 2013.

Coletando como documento de análise as atas produzidas e entrevista com educadores. As entrevistas aconteciam mediante as necessidades que íamos tendo em buscar informações que descem suportes aos nossos anseios, no decorrer de cada visita ou fora delas, aproveitando as discussões decorridas em cada reunião com educadores, pais, responsáveis e comunidade, para fins de observações que apontassem qual a visão do educador referente ao ato de avaliar e em que essa avaliação contribuiria para o sucesso de nossos educandos.

O tipo de pesquisa usada foi Pesquisa-Ação, por se tratar de uma investigação sobre os métodos utilizados na avaliação praticada na escola, usando questionário a partir de entrevistas não estruturado, que segundo MARCONI e LAKATOS:

O entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal. Esse tipo de entrevista, segundo Ander – Egg (1978:110), apresentam três modalidades (2009, p.199), sendo elas:

[...] entrevista focalizada; há um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: Sonda razões e motivos dão esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal. Para isso, são necessárias habilidades e perspicácia por parte do entrevistador. Em geral, é utilizada em estudos de situações de mudança de conduta (2009, p.199).

O avaliar exige muito cuidado, pois há diversos métodos aplicados no cotidiano escolar, de nós educadores não compreendemos qual o verdadeiro sentido do que é avaliar. E não há dúvidas de que ainda existem entre educando e o educador um jogo de expectativas relacionadas aos respectivos desempenhos, tendo como base a escola, sendo uma instituição social determinante aos seus próprios integrantes os comportamentos que deles se esperam, mas por outro lado, como instituição social, a escola é determinada pelo conjunto de experiências que a sociedade faz sobre a mesma. Segundo Hoffmann “a maior polêmica que se cria hoje em relação a uma perspectiva inovadora da avaliação, diz respeito à questão da melhoria da qualidade de ensino” (1995, p.11).

Entretanto dentro desta busca esperamos que trabalhar com a avaliação em nossas escolas em particular nas já mencionadas, nos deixem com resultados favoráveis para que haja dentro desse processo um grande despertar em nossos educadores, onde a escola seja um campo de aprendizagem ampla, e que todas as maneiras que avaliamos nossos educandos nos deem suportes para alavancarmos uma educação transformadora.

O motivo que nos levou a despertar o interesse em investigar este campo de avaliação escolar e desenvolver uma pesquisa através do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia (TCC). Foi tentar descobrir como quais as práticas avaliativas usadas nas escolas do campo por nossos educadores. A partir de uma reflexão sobre as diversas formas de avaliar; desenvolvida no Curso de Pedagogia do Campo.

A instigação da investigação científica é um meio que encontramos para avançar nas compreensões sobre avaliação compreendida como instrumento de diagnóstico dos educadores; para que eles possam de posse desse conhecimento, compreender e valorizar os diferentes tipos de métodos avaliativos como: atividades realizadas como forma de acompanhamento diário/contínuo, trabalhos extraclasse, trabalhos coletivos, debates por meio de seminários, provas escritas de compreensão individual e não decoreba, valorização do saber trazido de casa, para fim de diagnosticar o aprendizado dos educandos e, a partir de análises verificarem os avanços e as dificuldades que ainda encontram para compreenderem os assuntos discutidos em salas de aulas.

No curso, aprendemos através das praticas de estágio e em disciplinas: Planejamento e Avaliação Educacional, Gestão de Sistema e Unidades Escolares, ofertadas durante a formação docente, no qual desenvolvemos no Curso de Pedagogia do Campo, debates para revermos as formas de avaliação que éramos submetidos quando fomos formados, naquele momento houve muitas colocações onde foram lembrados às formas pelas quais fomos submetidos a avaliações como: provas escrito-orais não como forma de verificação da

aprendizagem mais sim como meta pra aprovação ou reprovação, atividades com muitas questões para serem estudadas e usadas como processo de avaliação em fila, avaliação sem considerar a frequência diária do educando somente a do dia da prova.

Os critérios avaliativos estavam sendo usados nas escolas; seminários, para expressar a compreensão do que é avaliação e de que forma devemos ser avaliados na formação escolar, as modalidades de avaliações como: avaliação escrita, oral, continua, crítica e etc.

A formação educacional que recebemos como educando, foi uma pratica autoritária, na qual os professores não respeitavam os conhecimentos que já tínhamos aprendido na nossa família e no meio social, cobrava apenas uma repetição dos conhecimentos supostamente adquirido durante os dias de estudo. Uma prática segundo Luckesi:

Os exames escolares que conhecemos hoje em nossas escolas foram sistematizadas nos séculos XVI e XVII, com as configurações pedagógicas produzidas pelos padres jesuítas (Séc.XVI) e pelo bispo protestante John Amós Comênio (fins do século XVI e na primeira metade do século XVII) Somos herdeiros dessa historia” (2005, p.21).

O que prevalecia era a prova oral e escrita como único instrumento da avaliação; segundo eles para “testar” os conhecimentos através da memorização e da repetição. Não havia uma valorização dos conhecimentos que os estudantes já adquiriam na vida; e também não tinham nenhuma preocupação em construir um pensamento crítico nos educandos (as). Esta prática de avaliar desconstrói todo processo de ensino aprendizagem, por não considerar que os educandos pudessem aprender além do livro didático ou do texto apresentado pelo professor.

Na experiência de educador; atuando no ensino fundamental nas séries iniciais; também continuei reproduzindo essas práticas avaliativas como: provas escrito-orais sem nada considerar a não ser a resposta tal qual estar escrito no livro didático, leituras como ameaças e castigos, algo vivenciado muito forte em nossa experiência enquanto educando nos influenciava na maneira como encaminhava/aplicava avaliação enquanto educador autoritário, reproduzido por décadas, apostando que avaliar por meio da prova, apresentava resultados mais significativos na construção do conhecimento, que tinha discutido nos conteúdos durante os períodos bimestrais, um método ainda usado para somar pontos de aprovação / reprovação dos educandos na escola.

Essas práticas avaliativas foram questionadas durante o curso de Pedagogia do Campo, que durante os debates, seminários, pesquisas de campo, trabalho de estágios Tempo Comunidade, fomos nos auto avaliando; questionando nossas concepções e crenças acreditando que avaliar por meio de uma prova alcançaria o objetivo de que o educando tinha

assimilado os conteúdos e que a prova media o grau do seu conhecimento, isso foi o que aprendemos sobre avaliação no curso de magistério, uma prática correta de avaliar conhecimentos como afirma Luckesi:

O solo se forma por decomposição de rochas” o professor exige que a criança repita essa frase em suas provinhas mesmo sem compreender o que está expressando por escrito sua referencia teórica estará sendo somente a memorização de uma informação, mesmo que ela não seja compreendida pela criança (LUCKESI, 2005, p.53).

No decorrer do curso e das experiências de estágios que fomos submetidos fomos percebendo que as práticas aplicadas pela educação que chamamos de tradicional não avaliam de forma social critica considerando o aprendizado durante os dias letivos, o que prevalece é o que está respondido na prova escrita conforme o desejo do educador que tinha como objetivo medir os conhecimentos adquiridos para somar números que gerava aprovação/reprovação, que na prática não obtida esse resultado, mas trazia conseqüências graves como: medo, frustração, exclusão.

Esta percepção só pode ser despertada por meio de estudos de textos embasados na educação libertadora; Quando iniciei as atividades como educador, passei a reproduzir as práticas pelas quais fui educado pensando ser métodos eficientes capazes de avaliar a aprendizagem dos educandos pelos quais desenvolvia atividades de construção do conhecimento, não sabendo que daquela forma estava cometendo exames classificatórios de exclusão e não diagnosticando para fins de análises e observações para a partir de então trabalhar as dificuldades encontradas em meus educandos.

Passamos a perceber tais atos de reprodução do processo avaliativo ao qual fomos submetidos a partir de muitas discussões realizadas durante a formação no Curso de Pedagogia do Campo, onde nos possibilitamos uma auto-análise de que avaliar significa diagnosticar para trazer pra dentro das discussões o que ainda nossos educandos não conseguem compreender e que a partir dessa concepção possamos procurar outros métodos para buscar a compreensão, a inclusão e o prazer pela leitura, escrita e interpretação textual.

Com essa observação de nossa prática sobre o que é avaliar, percebemos que essas concepções na forma de avaliar de nossos colegas educadores que não tiveram acesso a essa formação libertadora ou que não discutiram temas com tal definição que lhes despertassem a compreensão de que avaliar não é apenas reproduzir o que vimos nos livros didáticos e, assim continuam em sala de aula, avaliando seus educandos de forma convencional com aplicação de provas prescritas, a partir de respostas de questões apontadas nos textos, objetivando não o

pensamento do educando sobre a temática, mas que eles pudessem apenas repetir as respostas conforme estão prescritos nos textos apresentados nos livros didáticos.

Percebemos que há uma naturalização do conceito de avaliação, no qual os educadores não consideram que as respostas produzidas pelos educandos possam dá sentidos semelhantes e significativos sem que seja necessária a reprodução (xérox) do livro didático, sendo caso de reprovação os educandos que não memorizarem as respostas conforme as perguntas prescritas pelo educador. Esta forma de avaliar ainda é muito presente nas práticas dos educadores dos assentamentos / escolas pesquisadas.

Após a formação adquirida na Pedagogia do Campo compreendi que a avaliação não é simplesmente exigir resposta memorizada dos educandos, mas algo que vai bem além do meu pensar enquanto educador de educandos que foram habituados a pensar e expor seu ponto de vista por meio de respostas claras e concretas sem se prender ao que está escrito no livro didático; há diferentes maneiras e formas de avaliar. Podemos avaliar, por exemplo: pedindo que realizem a leitura de um texto, ouvir com atenção e respeito às opiniões dos educandos sobre os conhecimentos aprendidos sobre um conteúdo aplicado em sala de aula, debates sobre as problemáticas da vida em sociedade, atividades de pesquisas, atividades práticas, aulas passeio, com estas formas avaliativas reconhecemos que a concepção de avaliação não se restringe apenas por meio de uma prova questionada.

Assim reconhecemos as diferentes formas de avaliar sem ter que conduzir o educando ao julgamento de aprendizagem; como afirma Luckesi “[...] de fato, na avaliação, nós não precisamos julgar, necessitamos, isto sim, de diagnosticar [...]” (2005 p.33), neste caso compreende-se que avaliar também é um ato de aprendizagem recíproca onde o educador também aprende com as respostas racionais dos educandos.

Percebemos que há uma resistência por parte dos educadores de modificar as práticas avaliativas principalmente porque há uma crença cristalizada da escola que primeiro os educadores devem dá conteúdo e depois passar a prova, Acredita-se que a prova também deve ser uma forma de aprendizagem, no entanto questionamos que o único objetivo da escola seja atribuir uma nota para aprovação final do aluno, desconhecendo que o educando traz consigo conhecimentos da vida prática, que poderia ter sido aproveitado como ponto de partida. Valorizando assim a vida social e familiar.

Esta prática de avaliar para obter nota é uma norma do sistema educacional para selecionar papéis sociais, no qual só pode ser considerado sábio aquele que for aprovado pelo sistema, conforme as normativas estabelecidas pelo sistema de ensino.

A avaliação utilizada como diagnóstico, onde os educandos problematizavam os conteúdos gerando conhecimentos, expondo suas dúvidas respondidas pelo educador ou por outros colegas, contribui para o aprendizado de todos gerando conhecimentos de senso crítico.

Os educadores das três Escolas Afonso Pena, Antônio Francisco Braga II e Carlos Gomes, traz com sigio uma trajetória escolar comprometida com um sistema educacional opressor, que pouco tem exercitado estudos de conhecimento científico construído por esses sujeitos, porém têm recebido conhecimento já construído por outros e que muitas vezes desconsidera a realidade local implicando assim num processo avaliativo escolar vulnerável aos educandos inseridos das escolas.

Todo o processo de avaliação feito durante o ano reflete na ausência de um ensino aprendizagem descomprometido na vida escolar do educando, gerando muitas vezes no final do ano a reprovação, o que nos motivou a querer fazer pesquisa com os colegas educadores é porque os métodos utilizados para avaliar os educandos não têm contribuído de forma satisfatória para suas aprendizagens isso devido ao equívoco de praticar exames julgando ser avaliação, fazendo com que os educandos cheguem ao término do ensino fundamental sem ter conhecimentos, tanto científico, quanto da vida social, e que os desafios enfrentados devido à formação docente tem provocado com as concepções de cada época e interesses econômicos – sociais vividos nesses períodos.

Uma reflexão que não deixa de se manifestar em níveis de escolaridade de outras categorias como, por exemplo, é o ensino superior que vem gerando profissionais reprodutores de idéias sem nenhum valor crítico social, muito menos sujeitos habilitados para contribuir de maneira mais humanizada nas escolas do meio rural, que tem um dos ensinos menos assistidos no país. Devido está na área do campo os programas destinados à educação não corresponde às necessidades dos educandos dessa realidade da multissérie.

3.1 - METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO ESCOLAR: PESQUISA E INTERVENÇÃO

Dialogar sobre o processo de avaliação escolar nas escolas públicas é um desafio, seja pelas inúmeras necessidades de fazer valer a LDB 9394/96, que garante ao educando o direito de estar em um local educativo pedagógico que proporcione a segurança, o estímulo, a integração educador/educando, valorize seu saber e contribua para a construção de novos saberes e etc. Assim nesse momento somos convidados a observar alguns elementos de avaliação usados pelos educadores nas atividades escolares como meios de avaliação escolar.

Para valorizar esses elementos avaliativos usamos um diagnóstico das atividades consideradas pelos educadores mais precisas no ensino-aprendizagem dos educandos (ver essa afirmação no depoimento da entrevista dada pelo educador), no sentido de facilitar a visualização podendo garantir uma análise de qualidade no decorrer do texto. Isso nos permite nomearmos dois momentos de pesquisa como; 1ª fase e 2ª fase, para dialogarmos sobre a experiência de avaliação escolar experimentadas na pesquisa feita nas três escolas do campo em turmas multisseriadas.

Na 1ª fase fazer uma amostragem de como estava o desenvolvimento dos educandos no processo avaliativo trabalhado pelas educadoras, como os educandos iam se apropriando dos conhecimentos dentro do espaço escolar e como isso influenciava no resultado de suas aprendizagens a partir do resultado alcançado e representado através de notas pelas educadoras.

E na 2ª fase iremos mostrar a partir da intervenção feita por meio de pesquisa que influências ocorreram no processo de ensino-aprendizagem desses educandos e como o processo (contínuo) pode se tornar mais importante que o resultado (conceitos de notas apenas), podendo assim dar encaminhamento a novas atividades, a novos diagnósticos e avaliações significantes na vida social e profissional dos educandos ao entender e contribuir com o processo de construção do conhecimento.

3.2 - ELEMENTOS DE AVALIAÇÃO UTILIZADOS

Ao estudar e pesquisar avaliação escolar nos deparamos com um mundo de possibilidades, há muito que se fazer nesse campo de discussão, no entanto optamos discutir a avaliação escolar considerando alguns elementos inclusos nas atividades cotidianas das escolas pesquisadas e que também são atividades propostas e defendidas por alguns autores nos quais iremos dialogar no decorrer do texto. Assim iremos dialogar sobre os dados de desenvolvimento de ensino aprendizagem das turmas.

Para fazermos o diagnóstico das duas fases, elaboramos uma ficha para registrar os níveis de escrita (uma preocupação constantes dos educadores) e as etapas de avanços mediante as atividades desenvolvidas, são elas: Alcançou os objetivos - **A**, Alcançou Parcialmente os objetivos - **AP** e Não Alcançou os objetivos - **NA**. Essas classificações iriam nos nortear sobre os avanços dos educandos a parti das seguintes considerações; cada atividade chamamos de categorias, pois esses serão representadas como podemos visualizar na ordem que segue:

Que atividades foram usadas?

As atividades usadas foram ocupando as categorias de: Atividades orais, Leitura, Compreensão/interpretação, Produção de texto (oral e escrito), Desenhos, Participação em debates, preposições e questionamentos, Contribuição com os colegas nas atividades (escolares), Organiza e cuida dos materiais escolares e Respeita a educadora e os colegas de sala aula. Se observarmos verá que cada atividade dessas proporcionava objetivos que complementava e estimulava o ensino-aprendizagem alem de trazer um caráter de diagnosticar um trabalho de compromisso com os sujeitos envolvidos no processo. Como veremos abaixo:

ATIVIDADE	OBJETIVO
Atividades orais	Valorizar a participação, afirmar a autoconfiança dos educandos (as) e etc.
Leitura	Garantir o ponto de vista, as possibilidades de diferentes formas de leitura (verbal e oral).
Compreensão /interpretação	Despertar atenção nas atividades a fim de compreender e interpretar o que se ouve o que se ler e etc.
Produção de textos (oral e escrito)	Criar nos educandos (as) a capacidade de construir a comunicação por meio da oralidade/escrita
Desenhos	Comunicar através dos desenhos, gravuras estimulando a memória e a criatividade na construção de novas atividades
Participação em debates, preposições e questionamento	Integrar o educando no processo de construção do conhecimento como parte do currículo escolar a fim de garantir sua participação para melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem
Contribuição com os colegas nas atividades	Valorizar a importância da integração entre os colegas de sala de aula para desenvolver habilidades e traço de experiências na maneira de contribuições diferentes.
Organiza e cuida dos materiais escolares;	Saber
Respeita a educadora e os	Ter o compromisso de colaborar na convivência amigável entre educadora e demais colegas de sala de aula

As atividades sugeridas no decorrer do projeto tentavam trazer para dentro da escola aquilo que os educandos já vivenciavam em sua rotina diária, pois desta forma, percebemos que a dedicação por parte dos educandos eram bem satisfatórias.

Entre os itens citados acima utilizados como elementos de avaliação do desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos 31 educandos (as) da turma de multissérie, feito pela educadora (Z) sem a intervenção do pesquisador, na metodologia das atividades educativas pedagógicas realizadas em sala de aula, foi possível perceber que os elementos **A** (Alcançou os objetivos) alcançaram 71 elementos, **AP** (Alcançou Parcialmente os objetivos) alcançaram 167 elementos e **NA** (Não Alcançou os objetivos) alcançaram 41 elementos somando um total de 279 elementos utilizados no questionário de pesquisa.

Após a intervenção por meio dos dados diagnósticos feito com auxílio do pesquisador, considerando conteúdos voltados diretamente a saberes e realidades vivenciadas pelos educandos e comunidade de pais, percebemos que o resultado teve um avanço significativo dos elementos de **A**, de 71 para 196, dos elementos de **AP**, houve uma redução de 167 para 81 e dos elementos de **NA**, uma redução de 41 para 02 elementos, tendo uma comparação do antes sem um acompanhamento para depois com o acompanhamento do pesquisador.

Utilizando os mesmos elementos com os 21 educandos (as) da turma de multissérie, feito pela educadora (W) sem a intervenção do pesquisador, foi possível perceber que em **A**, os elementos alcançados foram 69, em **AP**, foram 97 e em **NA**, foram alcançados 23 objetivos que somados formam 189 elementos.

Após algumas atividades realizadas com a intervenção do pesquisador, percebe-se que houve avanços nos elementos usados como metodologia para auxiliar o ensino aprendizagem dos educandos (as) envolvidos no processo, onde em **A**, alcançaram 69 elementos na 1ª fase, na 2ª foram alcançados 120 elementos considerando a mesma realidade, em **AP**, de 97 houve uma redução para 59 elementos e em **NA**, houve uma redução de 23 para 10 elementos totalizando um todo de 189 elementos.

Na turma de educadora “Y”, foram utilizados os instrumentos avaliativos apenas com 19 educandos (a) em três etapas com a seguinte ordem; Objetivos alcançados - **A**, que obteve o total de 25 objetivos confirmados, nos Objetivo alcançados parcialmente - **AP**, apenas 97 instrumentos avaliativos alcançados parcialmente pelos educandos (a) e Objetivos não alcançados resultou em 49, totalizando 171 instrumentos avaliativos com resultados de diagnósticos feitos pela educadora.

Após a realização das atividades listadas acima foi possível perceber o avanço dos educandos referente os instrumentos avaliativos utilizados na turma com a intervenção a partir do projeto: “Festas Juninas”, durante sua realização.

Assim os objetivos alcançados – **A** foram relevantes a parti dos seguintes resultados; dos 25 dos objetivos alcançados nas atividades realizadas pela educadora na turma após a realização do projeto passa a obter um índice de 107 instrumentos avaliativos com resultados positivos diante do quadro anterior apresentado.

Nos objetivos alcançados parcialmente – **AP**, antes o diagnóstico realizado pela educadora obteve o resultado de 97 instrumentos avaliativos confirmados na ficha de sistematização de dados do índice de ensino-aprendizagem dos educandos (a), esses são reduzidos para 64 instrumentos avaliativos. Já nos objetivos não alcançados - **NA**, os 49 instrumentos existentes anteriormente utilizadas na avaliação escolares passa não existir mais, pois obtém um resultado negativo após a intervenção do projeto no ensino aprendizagem dos educandos (as). Dessa forma podemos observar na tabela 01 os resultados com mais visibilidade:

Diagnósticos de: Antes e depois do projeto	Resultados das atividades realizadas pela educadora “y”			
	A	AP	NA	Total
1º ETAPA	25	97	49	171
2º ETAPA	107	64	00	171
Avanços de instrumentos avaliativos alcançados	82	33	00	115

Tabela – 01

Percebemos no envolvimento dos educandos nas atividades realizadas no decorrer do processo do projeto “Festa Junina” foi à disposição com as quais cada educando se envolvia ao realizar as atividades propostas, devido ao entusiasmo em que os educandos iam se integrando quando era proposto alguma atividade como: construção do percurso de sua casa até a escola, pois cada um deu o máximo de si pra representar no seu desenho o que eles viam no caminho da escola, pois durante a realização da atividade se ouvia muitos comentários como; eu vou fazer a ponte perto da casa da tia, e eu vou fazer aquela castanheira lá perto do campo, eu vou fazer é o nosso sítio.

Outra atividade que envolveu bastante os educandos foi à troca de correspondência com os colegas das escolas envolvidas no projeto, pois todos se empenhavam o quanto podia

para se comunicar com os colegas de correspondência, alguns se comunicavam por meio da escrita, os que ainda não se expressavam por meio da escrita utilizavam-se de desenhos para que suas mensagens chegassem onde fosse preciso.

As formas pelas quais os educandos passaram a realizar as atividades propostas influenciaram bastante seu desempenho no ensino aprendizagem, devido desenvolverem atividades que trouxessem pra dentro da sala de aula formas diversificada de buscar a leitura e escrita por meio de atividades divertidas e, desta forma expomos aos pais/responsáveis que dentro de suas casas existe um acervo rico que possa auxiliar os educandos a construir um universo de leitores e escritores através do processo brincando também se aprende.

Os avanços são percebidos através do depoimento das educadoras em suas entrevistas e, também por meio do entusiasmo que os educandos realizam as atividades e, como estão envolvidos em colaborar com os colegas na realização das tarefas passadas no decorrer do projeto, pois é visível perceber o quanto alguns educandos, inclusive aqueles taxados de ter um comportamento negativo e que não costumavam realizar suas atividades, passaram a se preocupar em auxiliar os colegas ao concluírem suas atividades, devido essas atitudes percebe-se os avanços dos educandos no processo ensino aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do processo de ensino aprendizagem refletimos sobre as inúmeras possibilidades que as vivências dos sujeitos do campo podem está contribuindo na integração de saberes entre a escola e a comunidade dos pais. Ao discutir assuntos inseridos nos conteúdos escolares que tem uma discussão significativa dentro do contexto local, conseguimos trazê-los como referência, conhecendo outras realidades.

Assim fomos identificando os principais desafios enfrentados pelos educadores, que também nos inquietou. Um dos impactos ao trabalhar com escolas multisseriadas nos fez refletir sobre a necessidade de um acompanhamento pedagógico que viesse dar subsídio para que o educador conseguisse fazer um planejamento e desenvolver avaliação de forma integrada no espaço escolar, atendendo os anseios de aprendizagens dos sujeitos envolvidos no processo avaliativo.

Diante da pesquisa realizada compreendemos que a escola deve ser um instrumento de preparação, acima de tudo presente, para que haja uma perspectiva de futuro menos opressor. Isso nos remete enquanto educadores nos prepararmos melhor, aprendendo-a aprender a cada dia para prática se tornar útil para nós enquanto profissionais e para os educandos enquanto continuadores de um projeto de vida com qualidade. A necessidade de uma perspectiva não se constrói dentro de resultados imediatos, mais na qualidade de resultados futuros.

Nesse sentido a participação da comunidade é indispensável na construção da proposta pedagógica de ensino, inovação e intervenção nos espaços escolares. Este instrumento possibilita o dialogo a interação e reflexão entre família e comunidade escolar, pois não será apenas o educador o responsável pela a realização da construção do conhecimento dos educandos, mas também os próprios sujeitos que criticamente poderão contribuir de forma significativa na melhoria da qualidade de ensino e aprendizagem.

Portanto concluo o presente trabalho de conclusão de curso ressaltando que o processo avaliativo de ensino e aprendizagem dos educandos deve acontecer de forma continua, respeitando as diversidades culturais de cada sujeito envolvido na formação educacional.

REFERÊNCIA

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. Et.al. **Fundamento da Metodologia Do Trabalho Científica**. 6º Edição, São Paulo, Atlas, 2009

BARON, Dan. Et, Al. **Colheitas em tempo de seca. Cultivando Pedagogias de Vida por comunidades sustentáveis**. 1º Edição. Marabá – Pará, Transformance, 2011.

BRASIL , **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e Legislação Correlata**. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Roma Victor, 2007. Ministério da Educação. Resolução nº 9.394/96 de 20 de Dezembro de 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: Reelaborando conceitos e recriando a prática**. 2. ed. rev. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2005.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora: Uma pratica em construção da pré-escola a universidade**. Porto Alegre, Educação e Realidade, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários á Prática Educativa, Ed. Vozes, São Paulo, 1996